

## A MEGERA INDOMÁVEL

\* Roberto Rodrigues

Nas cidades pequenas do interior, as pessoas são muito observadoras, notam as características de cada cidadão e em função delas acabam apelidando todo mundo. E sempre tem alguém mais engraçado que se “especializa” nisso, e em geral de forma divertida.

Lá no Meio tinha um sujeito assim, o Joca Cunha, que de tanto cognominar os outros era chamado Joca Alcinha. Era um boêmio inveterado, não dava a mínima para o próprio aspecto, gordo, enorme: tinha mais de 1,80 m de altura e pesava para lá de 9 arrobas; brincalhão e mulherengo mas, com aquele fenótipo, só era notado pelo volume. Era casado com Zica, mulher magra como um cabo de vassoura, bigode preto, ciumenta, resmungona e brava como cassununga. Vivia bronqueando o Joca que, se não fosse tão relaxado, já teria caído fora há muito tempo. Difícil encontrar casal mais desarrumado: ele gordo e largado da vida; ela magricela e preocupada com tudo. O povo esperou anos para ver como seria um filho daquela dupla, mas nunca veio nenhum, devia ser incompatibilidade de genes.

Melhor amigo do Joca era um sitiante solteirão, dono de um velho Aero Willys preto, com o qual faziam algumas farras na cidade mais próxima, a quase 100 km dali. Era o "Seis e Cinco", apelido dado pelo Joca por causa da mania que o amigo tinha de conversar com a cabeça sempre inclinada para o lado esquerdo. Seis e Cinco tinha um irmão igualmente pândego, feio como a peste que Joca chamava de "Quase Lindo". E por aí ia: muitos tinham apelidos de animais por causa da aparência. Jaburu era um sisudo cidadão que parava sempre com a cabeça baixa, quase corcunda; Maritaca era a mulher do padeiro, por que falava alto e sem parar; Cuco era um amolador de faca e tesoura, tão exato em seus horários que o pessoal acertava o relógio por ele: "olha lá, o Cuco foi pegar o pão, pode marcar, são 7 da manhã" - e era... e assim por diante.

Uma vez Joca, Seis e Cinco e Quase Lindo foram fazer um programinha safado na cidade grande. Saíram do Meio logo depois do almoço avisando que o negócio ia demorar e só voltariam à noite. Zica, a megera, já soltou a cachorrada em cima do Joca dizendo que se atrasasse ia ter baixaria.

Na cidade, foram os 3 para o cabaré, jogaram baralho, beberam todas, acabaram pegando no sono e só acordaram na madrugada seguinte. Assombrados, pagaram a conta, se enfiaram no velho Aero Willys e se mandaram para o Meio, onde chegaram já com sol alto. Joca ficou na pracinha, meio sonso, pensando no que fazer, de olho no portão da casa. Sabia que a jararaca devia estar furiosa, mas não se sentia com saúde para enfrentar o temporal.

Quando abriram o salãozinho de barbeiro, esperou o bafor sair de dentro e foi para lá, onde tinha um sofazinho velho de couro puído, de dois lugares, e aí se sentou. Pegou uma revista antiga, fingindo que lia. O barbeiro, amigo velho que o Joca chamava de Navalha, sabendo já do caso, nem conversava: temia pela chegada da bruxa a qualquer momento.

Estavam ali naquela modorra, chegaram dois sujeitos de fora, devíam ser compradores de gado, um quis fazer a barba e o outro se sentou no sofá, espremido pela pança do Joca. Começou a ler outra revista, quando Zica irrompeu no salão, roxa de ódio, cuspiendo fogo e palavrório: xingou o Joca de todos os nomes que sabia e inventou mais alguns, esgoelando para a vila inteira escutar. Esgotada a bÍlis, virou as costas e saiu bufando e batendo o calcanhar.

Joca dobrou a revista devagar, olhou para o vizinho com ar alheio o disse:

-Braba a tua mulher, hein, parceiro...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**